

A FALTA DE INTERAÇÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NO ENSINO BÁSICO

Maria Aparecida Gomes Barbosa¹; Mariana Pricilia de Assis ²; Juliana Martins de Farias³;

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - (UERN), cidaufpe@yahoo.com.br

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - (UERN), marianasonhadora@hotmail.com

³Universidade Pernambuco (UPE), jumf5@hotmail.com

Resumo: Este estudo pretende analisar o impacto da falta de interação nas práticas pedagógicas do professor de geografia no ensino básico das escolas públicas do interior do RN. Este estudo são os achados das observações feitas referente a disciplina Didática, inserida no componente curricular do curso de Licenciatura em Geografia da UERN/CAMEAM. Foram observadas 16 horas de aulas de Geografia do ensino básico em uma escola pública do município de Pau dos Ferros, com intuito de identificar o estado da arte de ensinar, que é o significado da didática nas escolas do Alto Oeste potiguar. Este estudo ancora-se em Bruner (2001), Freire (1996), Senna (2001), (2003, 2010) e outros. Parte-se do pressuposto que os jovens contemporâneos, nativos de ambientes sociais reais ou virtuais hiperestimulantes, percebem a escola como um ambiente enfadonho e tedioso. Como está revelado nas suas narrativas. E os sujeitos hiperativos de ontem, são os multifocados de hoje, os nativos digitais, que conseguem fazer diversas coisas ao mesmo tempo e aprendem em qualquer lugar, seja em casa, sozinho ou em grupos, virtuais, nas pistas de patins, nos espetinhos das esquinas, porque esses jovens têm em mãos, um elemento protético, o smartphone, do qual raramente se separam, e disponibilizam uma infinidade de informações. É fato que as escolas observadas não chancelam o uso das mídias móveis para aquisição de informações que, caberia tão somente a instituição escolar transmitir. Assim, fica claro para nós futuros professores de geografia, que temos que chegar às escolas com atitudes, com práticas pedagógicas que promovam interações pedagógicas e não somente repasses de conteúdos, em forma de transmissão de informações.

Palavras – chave: Interação pedagógica. Ambientes sociais e virtuais. Planejamento pedagógico.

INTRODUÇÃO

Este estudo parte do resultado da disciplina de Didática, inserida no componente curricular do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- (UERN - CAMEAM). Assim, foi feita a observação no ensino básico, na turma do 4º ano, foram observadas 4 horas na escola pública do interior nordestino.

É fato que na geração contemporânea surge novos modos de apreender e ensinar os conteúdos disciplinares. Os sujeitos da aprendizagem não são os mesmos, assim como também, não é presente nas suas mochilas tão somente o lápis, papel e borracha, mas há instrumentos como smartphones, notebooks entre tantos outros. Mas, como o professor e o sistema educacional enfrenta essas mudanças? No planejamento pedagógico acontece de fato

mudanças de forma constante, assim como a sociedade se transforma de segundos - segundos? Infelizmente estamos em um retrocesso do tipo de profissional que as instituições insistem em formar, e o tipo de profissional que a sociedade exige, e essa dicotomia desde do ensino básico ao superior, gera múltiplos malefícios para as crianças e adolescentes, que estão em processo de formação para serem sujeitos críticos reflexivos diante de uma sociedade mutável.

Mas, a lacuna que se evidencia através das narrativas posteriores dos alunos, é que continuam sendo formados no modelo tradicional e cartesiano de décadas passadas. O ensino superior continua a formar sujeitos que reproduzem o conhecimento, que possivelmente reproduzirão para o ensino básico ao superior.

Os instrumentos pedagógicos continuam os mesmos nas escolas públicas do interior Nordeste de Pau dos Ferros, assim, as regras impostas no sistema, pouco consideram o perfil de estudante que está presente todos os dias na sala de aula, mas que porventura se encontra sentado em uma cadeira alinhada, desestimulado, que frequenta a escola não com desejo autônomo de estar no ambiente educativo para apreender. Então, surge uma indagação, é culpa da família que não estimula para terem prazer de frequentarem a escola? Ou falta nas escolas, novas atitudes do professor, e a reestruturação do planejamento pedagógico que se adeque ao perfil de aluno que se encontra neste ambiente?

O aprendente da geração contemporânea XXI já não se contenta em apenas sentar na cadeira, e ouvir de forma inerte o conhecimento mero transmitido pelo professor, mas almeja intervir e dialogar com o educador em sala de aula, mas ele é escutado? Infelizmente evidenciamos através das narrativas posteriores de alguns alunos que a resposta é: não. Pois há uma repulsa dos gestores do conhecimento de reconhecer os sujeitos que ontem eram hiperativos, e hoje são multifocados / hipertextuais, que aprendem não apenas na cadeira dentro da sala de aula, mas ao estar no ônibus, na esquina, esses sujeitos, estão em todo tipo de ambiente, a qualquer hora e lugar, conectados, informados sobre múltiplos assuntos ao mesmo tempo.

É nesta concepção que indagamos que geração é essa? Como educa-los, se já estão se autoeducando? Assim, o mediador do conhecimento precisa se auto reavaliar, reestruturar o modo de ensino, de acordo com o contexto social, pois se continuar retrocedendo, as escolas e universidades, não conseguirá realmente “formar” esses sujeitos de forma qualitativa; e sim remetendo tão somente a conclusão com certificado, que pouco consegue colocarem em prática o que aprenderam durante o processo, essa afirmação é comprovada constantemente nos concursos Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), os alunos ao chegarem na hora

da avaliação, percebem que a prova exige que esse sujeito não apenas transcreva a teoria estudada ao longo da formação desde do ensino básico ao superior, mas coloquem em prática, principalmente na redação, em que boa parte dos alunos sentem-se inseguros para dissertar a sua opinião do tema proposto. Considerando que a redação exige do candidato a opinião de assuntos diversos, que permeiam na sociedade no meio do contexto social contemporâneo, os mesmos não se sentem preparados para a avaliação, mas como se desde do ensino básico há essa preparação? O porque dos estudantes se sentirem incapazes? Será que é a falha durante o processo? Assim, ousamos de questionar; será que realmente houve um processo eficiente? Formando sujeitos pensadores críticos reflexivos? Cury (2014), nos responde essa indagação:

[...] Os alunos devem ser avaliados não apenas pela repetição dos dados, mas também pela inventividade, pela capacidade de raciocínio, pela ousadia. [...] Se queremos formar pensadores, devemos avaliar um aluno fora do espaço das provas, durante as aulas, por sua interatividade, altruísmos, proatividade, debate de ideais, discurso do pensamento, cooperação social. São esses elementos que determinarão o sucesso profissional e social nas provas da existência, muito mais do que os acertos nas provas escolares [...] Estamos na era do conhecimento, da democratização da informação, mas nunca produzimos tantos repetidores de informações, em vez de pensadores (CURY, 2014,p. 102-33).

Parte-se do pressuposto do impacto aos sujeitos da aprendizagem do (RE) replanejamento pedagógico do ensino básico nas escolas públicas do interior nordestino. A importância do espaço escolar se adequar ao perfil de aluno contemporâneo, assim, torna o ambiente educativo acolhedor de fato, e hiperestimulante, representando o estudante que está no ambiente educativo, que são sujeitos cartesianos e narrativos

Este estudo ancora-se metodologicamente em uma pesquisa bibliográfica que segundo Marconi e Lakatos (2001), é um diálogo com obras de teóricos; artigos, dissertações e outros, que consiste em temas relacionados com a temática pesquisada.

A análise dos dados parte do resultado da disciplina Didática, inserida no componente curricular do curso de Geografia. Foi feita a observação na escola pública do interior Nordeste - Pau dos Ferros, que porventura o nome da instituição permanece anônimo. Foram observadas 4 aulas no Ensino básico do 4º ano. A fala dos sujeitos será exposta narrativamente, seu nome será preservado e definindo por expressões, que cuja interação com conceitos de assuntos Geográficos.

O método utilizado baseou-se na observação, em que o observador se torna o espectador, ou seja, apenas observa sem intervir nas atividades na sala de aula, apenas anota as informações observadas ao longo da aula. Assim, foram anotadas as falas que acontecia de forma espontânea dos sujeitos inseridos no espaço escolar. Posteriormente serão evidenciadas por narrativas com sinônimo direcionando os sujeitos.

[...] Em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator.” (GIL 1995, Apud ZAPELINI E ZAPELINI, 2003, p. 111).

1. O Impacto da Práxis Pedagógica do professor em sala de aula nas Escolas Públicas do Alto Oeste Potiguar.

A prática pedagógica do docente em sala de aula, sem dúvidas surge como um requisito imprescindível para estimular o aluno para que tenha prazer de apreender os conteúdos disciplinares. Mas, diariamente essas práxis não é bem vista por partes dos alunos, pois em um meio social dinâmico, os educandos anseiam outras posturas do mediador do conhecimento, pois a práxis nada estimulam no processo de aprendizagem.

O professorado insiste em educar e considerar o aluno ideal; o que senta na cadeira e ouve calado, sem se movimentar o conhecimento mera transmitido, e acreditam que os mesmos estão entendendo tudo, por motivos de permanecerem silenciosos, mas será que estão apreendendo de fato? Em contrapartida, o aluno espera do educador atitudes que os motivem, instrumentos múltiplos para mediação dos saberes educacionais.

Senna (2001) ressalta-nos que o pensamento narrativo emerge do sujeito inserido no cotidiano do contexto social, o cidadão aluno que ingressa na escola traz consigo um modo de organização do pensamento não organizada à forma cartesiana, o modo que o seu letramento consiste em um processo de pura aculturação e não de integração, mas o modelo construído no cotidiano brasileiro, denominado modo narrativo, tende a ser arrolado pela escola como corruptela de pessoas não civilizadas, admitindo –se assim, que sua substituição pelo modo científico – cartesiano de pensamento estruturado seja a verdadeira missão do professor. Tornar o pensamento narrativo um fenômeno legítimo e respeitado pelo professor é uma das tarefas fundamentais do coordenador pedagógico, neste momento de transição pelo qual a escola passa.

Em contrapartida, a resistência do educador de reconhecer o pensamento narrativo do aluno, causa nos mesmos desestímulos nas aulas, pois consideram monótonas, mas continuam calados, tem medo de falar o real sentido que todos os dias saem de casa, que possivelmente a resposta; não é por motivos das aulas, mas para dialogar com seus colegas, na verdade é a única hora que eles falam. Mas desde de quando surgiu esse medo do apreendente de se expor nos espaços escolares? diante do que o professor preconiza ser verdade absoluta?

Diante de meio digital em que o sujeito aprende e ensina em qualquer espaço, o professor não é considerado como o único detentor do conhecimento; em que em décadas passadas, ao aluno ter dúvidas em sala de aula, esperava a próxima aula para esclarecer suas indagações, mas será que as intuições estão realmente formando os educadores para ensinar essa geração? em um momento no qual a estrutura social contemporânea vivencia; com mudanças constante, que exige do mesmo de reestruturar diariamente suas práticas pedagógicas, ou continua a prevalecer discursos da linearidade, mesmo existindo dois tipos de sujeitos; narrativos e cartesianos nos bancos escolares. Mas, o professorado aceita o novo perfil de estudante? Ou tão somente privilegia o tradicional sujeito cartesiano? São essas provocações que trataremos na próxima seção deste trabalho, pois iremos através das narrativas dos sujeitos da aprendizagem, mostrar como se encontra o ensino nas instâncias de ensino básico. O ensino mudou? Veremos ...

2. Narrativas dos Alunos no Espaço Escolar: Escola Pública do Interior do Alto Oeste Potiguar.

As escolas públicas Brasileiras do interior nordestino estão drasticamente com modos operandi de formar os sujeitos, dentro de um labirinto monótono, e pouco estimulando o sujeito da aprendizagem de frequentar a escola de forma espontânea, com prazer. Pois, o ambiente pouco representa a geração de estudantes; que ao sair dos muros escolares realmente fazem o que tem prazerem; ficar conectados; Mas será que o educador não pode utilizar as tecnologias mobiles como forma de disponibilizar um ensino mais atrativo, e menos cansativo?

Comenius (2001), salienta-nos, que a etimologia da palavra didática; é arte de ensinar, ensinar de modo certo para obter resultados, ensinando de modo fácil, em que os alunos não podem se enfadarem, ensinar de modo sólido, não superficialmente, conduzir a verdadeira cultura. Essas propostas parecem sonhos, educar e cultivar a juventude, para serem conduzidos para os altos cumes do saber, a arte de ensinar e aprender, vários métodos para ensinar, novas escolas, precisa assim como para construir um edifício, aplanar o terreno e demolir a velha construção, pouco cômoda e decadente, às escolas, porque, corrigindo o

método, poderão, não só conservar-se sempre prósperas, mas ser aumentadas até ao infinito. Com efeito, serão verdadeiramente um divertimento, casas de delícias e de atrações.

Ao observar as aulas do ensino básico na referida escola que faz 17 anos que havia estudado neste local, fiquei surpresa e angustiada, pois o cenário do ambiente continua o mesmo; aspecto sombrio, que sempre me causava medo e repulsão pela referida escola. E cheguei há um resultado; o ensino e as estruturas das escolas públicas brasileiras muda de forma lenta; é como os passos da tartaruga que rasteja para chegar no oceano, mas ao contrário, a educação continua se rastejando para conseguir alcançar um bom êxito. Eu tinha um enorme trauma dessa escola, e ao está no mesmo local me arrepiei. Será que falta o cenário se adequar ao contexto social contemporâneo, com novo perfil de estudantes? ou o aluno tem que se adequar a escola?

Segundo Senna (2003), manifestava-se, desde então, o caráter dualista da educação brasileira: enquanto aos alunos da classe operária eram reservados apenas os rudimentos da leitura e da escrita, as oligarquias eram instruídas a partir das perspectivas iluministas europeias. Todos esses agravantes contribuíram para o estabelecimento de um sentimento de imediata rejeição do aluno para com a escola, dada a completa ausência de relevância e de identidade com que esta se posiciona em relação a ele, o aluno não percebe nenhuma razão de pertinência ou funcionalidade, para si, na escola.

Figura-1 Aula do Ensino Básico



Fonte: Pesquisa de Observação, Mariana (2016).

A aula baseou-se com o tema referindo ao letramento, a educadora utilizava exclusivamente o quadro como instrumento pedagógico, escrevia o alfabético e os alunos repetia junto com ela, na verdade parecia uma música, perguntei-me: o que mudou no ensino básico? infelizmente percebi que nada... Os alunos multifocados, era difícil a professora conseguir ajusta-los de acordo com as regras estabelecidas, mas como moldar o outro? se a cultura é com sujeitos hipertextuais? É correto manter a reprodução do ensino linear, pois na figura anterior (1), percebe-se que as cadeiras continuam alinhadas, com locais marcados todos os dias, se o aluno anseia em ficar em outro lugar, o discurso da cultura cartesiana é: seu canto é esse, fique neste local, gerando uma bola de neve difícil de mudar.

Quando inconformado com os imbróglis das relações de poder no meio educacional, mergulhou nas escolas a fim de verificar o que realmente acontecia. E a pergunta de Apple ainda se faz presente nos dias atuais, em que os acontecimentos contemporâneos ligados aos acontecimentos científicos e tecnológicos, às mudanças no processo de produção e suas consequências na educação, trazem novas exigências aos profissionais, provocando profundas transformações na escola, nos alunos e no exercício profissional do docente (APPLE, 1994, p. 02).

Algo bastante preocupante percebi na sala de aula, um aluno com síndrome de down, que tem dificuldade de apreender da mesma forma dos demais, infelizmente ele é apenas matriculado na escola, porque de fato o aprendizado não acontece, pelo fato da escola não ter instrumentos, e educador a capacitação para ensinar o aluno com necessidades diferenciadas dos demais, com dificuldade de aprender e absorver o conteúdo, o resultado é que esse aluno é apenas tem uma matrícula de maquiagem, ou seja, ele é apenas matriculado no sistema. Então, sem ter o que fazer na aula, ele tenta desconcentrar os colegas de classe, gerando conflitos, e até mesmo brigas. O professor tenta acalmá-lo, mas como o mesmo ficar quieto quando na verdade não tem atividade para fazer? não se vê com outra opção.

Assim, o aluno (A), muda de turma para uma superior sem nenhuma avaliação, para o sistema esse aluno é aprovado através da idade, mas como se não houve o processo aprendizado? Ao observar essa pertinência no ensino básico, houve Algo bastante pertinente; o testemunho da educadora (B) que é imprescindível nesta narrativa escolar:

para eu ter cuidado porque ele era muito violento na outra escola, mas ele nunca fez nada agressivo comigo, nos abraçamos todos os dias, e ele é muito carinhoso, apesar de as vezes mexer com os colegas todos aqui gostam dele. Uma vez por semana ele vai para uma sala, um lugar que ele se diverte com brinquedos (Professor B).

Figura -2 Aluno (A) Afetividade no processo de aprendizagem



Fonte: Pesquisa de observação, Mariana (2016).

Percebe - se que o aluno (A) é apenas matriculado no sistema, a escola não está preparada para adequar a didática a qualquer deficiência cognitiva do aluno, é mais um sujeito que sofre pela falta de organização no plano pedagógico das escolas públicas do Brasil, principalmente nas escolas do interior nordestino. Práticas que viabilize de fato, a democratização do aprendizado, em que o ensino aconteça atendendo a qualquer deficiência do educando, então, para alguns há o aprendizado e para outros continua a mesma bola de neve. Mas, o que torna o processo de aprendizagem desse sujeito a ser motivado é a afetividade entre o educando-educador, que sem dúvidas, é um salto para a superação encontrada no aprender - ensinar. Contudo surge uma indagação: inserir o aluno com necessidades especiais de aprendizagem, sem o mínimo de preparação para acolher de forma eficaz é inclusão?

Senna (2010), a educação inclusiva ganha vulto na área da educação especial destacando-se como um macro processo de desinterdição do deficiente e da integração do

sujeito no mundo dos comuns. Mas, materialmente comprometida com a formação escolar dos sujeitos, permaneceu até os dias de hoje como intocado, a margem de tolerabilidade para as diferenças intelectuais e sociais, continuam a ser exatamente a mesma, que sempre se ampliou a avaliação do aluno aos deficientes e demais marginalizados sociais, estes que já se denominam deficientes culturais nos anos mais rigoroso da estrutura como se nada se ofereceu exceto o direito à vaga e a permanência no sistema de ensino. Mas, a superação da exclusão escolar demanda no entanto muito mais do que um mero direito a vaga e permanência, demanda a superação dos valores que se agregam a banem o indivíduo no cotidiano de uma experiência em que jamais consegue superar os males intolerável.

É nesta concepção que torna uma tarefa árdua ao sistema educativo de replanejar a práxis do planejamento pedagógico, que torne realmente efeito aos sujeitos que estão inseridos dentro do labirinto, e sendo constantemente afetados pela falta de organização na estrutura curricular das escolas públicas brasileiras, que abre o acesso para o sujeito se matricular e permanecer na lista de alunos, mas que realmente se forma avaliar o significado da palavra “aluno¹” encontramos ser de origem latim, que significa “sem luz”. Esses sujeitos permanecem sem luz, sem oportunidades, diante das práxis que não atende às necessidades múltiplas com as quais cada educanda chega no espaço escolar. Mas, que apesar das suas deficiências têm habilidades que precisam serem enxergadas pelo professor no processo de aprendizagem.

“Toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina”. (FREIRE, 1996, p.77). Ou seja, é fundamental no dia-a-dia escolar ter troca de conhecimento entre o aluno - professor, pois o contato entre ambos favorece em aspectos positivos no aprendizado.

Diante de um cenário com tantas controversas do significado ensinar e aprender, a falta de inclusão nas escolas, percebe-se que os problemas estão muito além de replanejar a prática educativa. Pois, os alunos diariamente se sentem frustrados com a pouca importância dada aos seus saberes no espaço escolar. Assim, os mediadores do conhecimento perdem a chance de aproveitar o máximo das habilidades dos alunos, tornando a absorção do conteúdo criativo e com menos enfadonho, fato esse que é reclamado por partes dos alunos ser a causa de detestarem estarem no ambiente educativo, porque não se sentem acolhidos. O aluno (Plutão 3) dialogando com o professor nos inquietará com seu testemunho em sala:

¹ Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=alunos%20significado>.

Tia posso ir ao banheiro? Tô muito apertado... Não porque você já foi três vezes.. Mas não tô aguentando tia.... Fique ai espere o recreio.... Eu não aguento mais essa escola... É tempo de quadrinha vamos fazer uma? Não atrasa as atividades programadas (NARRATIVA –ALUNO PLUTÃO 3 - PROFESSOR)

Olhe não aguento essa escola, nem gosto de vir, mais mãe manda, eu queria era tá em casa com meu vídeo game, sabe minha mão tá cansada de escrever, a prof enche o quadro de palavras e eu não entendo nada, e é pra nós escrever tudo viu, se não reprovado e eu levo uma pisa, peço pra ir no banheiro e ela não deixa, tempo de quadrinha também não quer fazer a quadrinha, sabe eu fico rabiscando as palavras na hora de escrever, você nem sabe né o que é rabiscar as palavras? É engolir as palavras quando tô escrevendo. Eu invento que tô escrevendo, mais eu não escrevo todas as palavras, vou engolindo as letras.... Ela nem percebe quando vai corrigir.... Eu faço isso porque minha mão cansa de copiar tanto... e nem aprendo sabe. Não sei de nada.... Não si porque ela não usa outra coisa, podia ser um negócio que passa como uma televisão e nós só ia vendo, acho que é data..... Show né isso, mais ela nem passa isso, todo dia, todo dia é a mesma coisa. Escrever no quadro... (PLUTÃO 3).

Através da narrativa do aluno Plutão 3 percebe-se que há muito a ser mudado na prática educativa diante de uma geração com vários instrumentos que pode disponibilizar aulas menos cansativa e mais estimulante; como mobilizar de forma qualitativas as tecnologias hipertextuais. Não deixando de considerar a utilidade do livro, mas fazê-lo de uma bíblia, em um momento digital com múltiplos instrumentos para a mediação do conhecimento.

É nesta concepção que falta uma relação de afetividade entre professor e aluno. Pois, ao insistir em manter as regras do sistema, não levando em conta outros fatores a ser contestados e respeitados, torna o espaço escolar sendo o último local que os mesmos anseiam de estarem. Assim, o modo operandi cartesiano totalmente prejudicial para os que estão sendo educados, com parâmetros de linearidade, com regras pré estabelecidas, que não atende a necessidade do novo perfil de aluno contemporâneo.

Outro fator relevante a ser ressaltado; é que o município no mês de Junho tem como prática cultural as festas juninas, e apesar de algumas escolas aderirem e comemorarem, tornando o ambiente escolar mais dinâmico e menos linear, mas através da narrativa do aluno (Plutão 3) percebe-se que ainda há na cultura cartesiana uma resistência de cultivar a cultura disseminada como uma reprodução simbólica do local, causando desestímulo do aluno. Sendo assim, como negar aos sujeitos de se expressar em um momento que se manifesta a sua cultura que conseqüentemente faz parte da construção da identidade desse sujeito? Bruner (2001) nos responde essa indagação?

[...] Um sistema de educação deve ajudar os que estão em crescimento numa cultura a descobrir uma identidade dentro dessa cultura. Sem ela, tropeçam no próprio esforço por um significado. [...] O ensino de uma matéria, a importância de dar o discente um sentido da estrutura gerativa de uma disciplina, o papel fulcral da descoberta autoproduzida na aprendizagem de uma matéria. (BRUNER, 2001, p.65-112).

O educador poderia inserir na práxis de ensino nesse mês que comemora-se a cultura da festa junina, ensinar temas transversais, que unam todas as disciplinas em apenas um conteúdo por exemplo: fazer cartazes que demonstre a diferença da cultura em vários Estados brasileiros que comemoraram outro tipo de cultura, além disso, poderia fazer a quadrinha para os alunos se sentirem sujeitos ativos na comemoração da cultura local, além de ser um estímulo para tornar o ambiente educativo mais dinâmico e interativo, representando de fato os sujeitos que estão neste ambiente. Além de cultivar em cada um a importância do movimento do corpo, seja como uma atividade física, e também uma forma de apreender o que é cultura, vivenciando a cultura.

Dessa forma, neste relato de observação, não poderia deixar de testemunhar o mesmo aluno (Plutão 3) que anteriormente foi ressaltado em forma de narrativa. O educador fez um pequeno comentário desse aluno (PROFESSOR 4):

Ele é muito danado, sai da cadeira o tempo todo, não fica quieto, meche com todo mundo, e não aguento mais ele. (PROFESSOR 4).

É nesta concepção que ousamos em perguntar será que o aluno (Plutão 3) não é o sujeito idealizado pela cultura cartesiana? E isso faz com que esse aluno seja tão pouco considerado em sala de aula, pelo seu comportamento ditado como desajustado do sistema? Ele é um sujeito que mobiliza o pensamento narrativo ou científico? .

Senna (2001), O pensamento narrativo o cidadão aluno que ingressa na escola traz consigo um modo de organização do pensamento que reflete o conjunto de aproximações ao seu próprio contexto social. O modelo de pensamento construído no cotidiano brasileiro, denominado modo narrativo, tende a ser arrolado pela escola como corruptela de pessoas não civilizadas, admitindo-se, assim, que sua substituição pelo modo científico-cartesiano de pensamento estruturado seja a verdadeira missão do professor.

O aluno plutão tem criatividade para dar alternativa para o professor mudar a aula, tornando mais estimulante, pede para o professor fazer quadrinha, usar outros métodos de ensino. E ao conquistar os professores e diretores consegue fazer a quadrilha, ao a coordenação da escola aceitar e inclusive apresentar na vitrine cultura do município a denominada

Finicap-, um evento de comemoração de emancipação política da cidade de Pau dos Ferros. Ao assistir à peça me comovi, não sabia qual era a escola que estava apresentando, ao iniciar a apresentação tive um espanto positivo; adivinhe caros leitores quem estava sendo o protagonista da peça narrando com sua voz toda a apresentação, e sendo o representante de destaque da escola? O aluno (plutão) ... com uma desenvoltura espetacular narrou a peça, dançou conduzindo os colegas e fechou com chave de ouro !!!!!!! Então chegamos à conclusão que esse aluno é um sujeito que mobiliza o pensamento narrativo e que é dotado de habilidades, mas falta a cultura cartesiana escolar enxergar esse aluno. (NARRATIVA RELATO DE EXPERIÊNCIA DO OBSERVADOR 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos digitais de hoje, sabem como obter informações de forma autônoma, mas falta-lhes no ambiente educacional escolas/ universidades a mediação, a negociação para transformá-las em conhecimento. O que, não constatamos nas nossas observações, quer seja porque falta um planejamento pedagógico que converse com o Projeto Político Pedagógico da escola.

REFERÊNCIAS

- APPLE, M.W. Repensando Ideologia e Currículo in MOREIRA, A.F. E SILVA, T.T. (orgs). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 1994, p 39/57.
- BRUNER, J. **Cultura da educação**. Lisboa: Casagraf Artes Gráficas, 2001.
- COMENIUS.A.I. Didacta Magna. Fundação Calouste Gulbenkian,2001.
- CURY, A. **Ansiedade como enfrentar o mal do século**, 1-ed. – São Paulo, Saraiva, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- ZAPELINI, M.B. ZAPELINI, S.M.K.C. **Metodologia científica e da pesquisa da FEAN**, Energia de administração e negócios – FEAN curso de administração ciências contábeis sistemas de informação desingn gráfico, 2013.
- MARCONI, M. A, LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- SENNA, L.A.G. ARAÚJO, L.C.N. SOARES, A. RIBEIRO, J.P. MARTINS, R.R. O Leitor, o